IMAGENS À DERIVA, CIDADES FLUTUANTES: TERRITÓRIO, IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO EM FOTOGRAFIAS FEITAS POR ADOLESCENTES EM RISCO SOCIAL

IMAGES ADRIFT, FLOATING CITIES: TERRITORY, IMAGINARY AND REPRESENTATION IN PHOTOGRAPHY TAKEN BY ADOLESCENTS IN SOCIAL RISK

IMAGENES EN DERIVA, CIUDADES FLUCTUANTES: TERRITÓRIO, IMAGINÁRIO Y REPRESENTACION EN LAS FOTOGRAFIAS HECHAS POR LOS ADOLESCENTES EN PELIGRO SOCIAL

Marília Flores Seixas de Oliveira

Mestre e Doutora em Desenvolvimento Sustentável/Gestão Ambiental pela Universidade de Brasília (CDS/UnB). Professora adjunta de Cultura Brasileira na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
E-mail: marilia.flores.seixas@gmail.com

Orlando José Ribeiro de Oliveira

Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB.
Doutorando em Ciências Sociais pela UFBA.
E-mail:ojro.furioso@gmail.com

Resumo: Este artigo baseia-se numa pesquisa experimental desenvolvida junto a adolescentes brasileiros em situação de vulnerabilidade social, utilizando a linguagem fotográfica como código de expressão e de comunicação. As representações espaciais elaboradas pelos adolescentes em linguagem fotográfica são vistas como expressão individual da sua peculiar relação com a cidade e o ambiente em que estão inseridos, revelando também fluxos intersubjetivos de sentido, construtores de uma imagem da cidade em que vivem (Vitória da Conquista, interior da Bahia, Brasil). São abordadas também questões teóricas sobre ambiente urbano, comunidade, identidade, fotografia e comunicação.

Palavras-chave: cidade; identidade; vulnerabilidade social; fotografia; construção de sentido.

Abstract: This article is based upon an experimental research developed with Brazilian adolescents in social vulnerability situations, using photographical language as an expression and communication code. Spatial representations created by said teenagers in the language of photography are seen as individual expressions of each one's particular relationship with the city itself and the environment in which they're inserted, also showcasing intersubjective flows of meaning, which build an image of the city the adolescents in case live in (Vitória da Conquista, Bahia, Brazil). The article also concerns theoretical matters about urban environment, community, identity, photography and communication.

Key words: city; identity; social vulnerability; photography; construction of meaning.

Résumé: Cet article est basé dans une recherche expérimentale développée avec des adolescents brésiliens en situation de vulnérabilités social, que utilize l'image photographique comme code d'expression et de communication. Les représentations spatiales réalisés par des adolescents dans le langage photographique sont considérés comme une expression individuelle de sa relation particulière avec la ville et l'environnement dans lequel ils vivent. Cela révèle aussi les flux intersubjective de sens, que construisent l'image de la ville qu'ils vivent (Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.) Sont abordées aussi les questions théoriques sur l'environnement urbain, la communauté, l'identité, la photographie et la communication.

Mots-clés: ville; identité; vulnérabilité social; photographie; construction du sens; communication.

INTRODUÇÃO: DIÁLOGO E FOTOGRAFIA COM ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE SOCIAL[1]

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo.
Ver com olhos livres.

Oswald de Andrade

[1] Pesquisa desenvolvida junto ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (Brasil), base para o presente artigo.

Nas mais diversas sociedades, são as ordenações simbólicas do espaço e do tempo que oferecem uma estrutura para a experiência, através da qual as pessoas aprendem *quem* ou *o que* são. A expressividade e a construção da identidade se processam na inserção do sujeito em seu contexto sócio-cultural e simbólico, permeado por ordenações de tempo e de espaço[2]. E as fotografias, sendo *materialidades plásticas* que armazenam *sentidos* atribuídos aos *eventos momentâneos*[3] que acontecem em volta do fotógrafo, representam capturas de *tempo* e de *espaço*, deslocando imagens do que acontece no momento do registro fotográfico para serem vistas no futuro, por outras pessoas, em outros lugares[4], a partir das escolhas visuais feitas pelo fotógrafo. É o sujeito-fotógrafo que determina, dentre as cenas que presencia, *o que* e *de que forma* será visto novamente, selecionando e compondo imagens com sua câmera[5].

Para desenvolver uma pesquisa sobre a vida e o universo simbólico de adolescentes que vivem no limiar entre inclusão e exclusão social, a linguagem fotográfica apresentou-se, assim, como código ideal de comunicação e diálogo[6]. O uso de imagens como instrumento de

[2] Para Bourdieu (1977, p. 163), "a razão pela qual a submissão aos ritmos coletivos é exigida com tanto rigor é o fato de as formas temporais ou estruturas espaciais estruturarem não somente a representação do mundo do grupo, mas o próprio grupo, que organiza a si mesmo de acordo com essa representação".

[3] Consideramos que a materialidade plástica da foto funciona como "significante", os sentidos armazenados como "significado" e os eventos do mundo como "referentes", aproximando a fotografia da definição clássica semiológica e lingüística de "*signo*". O significante constitui o plano de expressão e corresponde, para Hjelmslev, à forma. O significado estabelece o plano de conteúdo e comporta o estrato da substância. A estes dois elementos associa-se um terceiro, o referente, que é aquilo que é representado pelo signo. Para Barthes (1977, p. 51), "A significação pode ser concebida como um processo; é o ato que une o significante e o significado, ato cujo produto é o signo".

[4] Para Benjamin (1969, p. 19), "a técnica pode transportar a reprodução para situações em que o próprio original nunca poderia se encontrar. Sob forma de fotografia ou de disco, ela permite, sobretudo, aproximar a obra do espectador ou do ouvinte".

[5] Barthes (1980) associa a capacidade de "deslocar" o objeto fotografado a uma *aderência* do referente à fotografia, que faz com que, ao olharmos uma foto, esta se transforma em "invisível", porque não é ela em si o que é visto, mas o que ela está representando: "Em suma, o referente adere" (BARTHES, 1980, p. 20), "uma determinada foto não se distingue nunca do seu referente (daquilo que representa), ou, pelo menos, não se distingue dele imediatamente ou para toda a gente" (BARTHES, 1980, p. 18), "toda fotografia é de certa forma co-natural ao seu referente" (BARTHES, 1980, p. 108).

[6] A pesquisa experimental ocorreu entre 2000 e 2001 em Vitória da Conquista (Bahia, Brasil), município de 300.000 habitantes, localizado no interior do nordeste brasileiro,

pesquisa, muito discutido ultimamente, adequou-se à proposta da pesquisa: a fotografia, linguagem universalmente compreendida, pode ser considerada construtora de objetos simbólicos e de elementos imagéticos de construção de realidade, com signos acessíveis a todos e a qualquer um.

O experimento fotográfico buscava estabelecer uma relação dialógica com esses adolescentes, partindo da noção de que *toda vida verdadeira é encontro* (BUBER, s/d) e que as pessoas precisam entrar em relação dialógica com o mundo para realizar plenamente sua existência. Em sua obra de referência (*Eu e Tu*), Martin Buber (s/d, p. 20) apresenta a palavra como introdutora do homem na existência e a relação como fato primitivo: "No começo é a relação".

Palavra e linguagem ocupam lugares centrais na vida dos homens, que vivem imersos nelas, com os signos cercando-os todo o tempo. Buber (1982) afirma que na sociedade moderna, sons, imagens e símbolos dirigem a palavra ininterruptamente às pessoas, que acabam desenvolvendo uma proteção para afastar a profusão invasora de signos: cada um "está preso numa couraça, cuja tarefa é repelir os signos" (BUBER, 1982, p. 43). Com a sofisticação da invasão da linguagem, a cada geração aperfeiçoaram-se os aparatos humanos de defesa, aumentando as couraças de proteção e criando redomas de silêncios: as pessoas tornaram-se menos sensíveis ao outro, cada vez mais fechados. Para o autor, os eventos do mundo, as coisas que acontecem, são palavras dirigidas aos homens, que podem, ou não, estarem disponíveis ao diálogo, à recepção e à reciprocidade. Em alguns momentos o filtro impermeável se rompe e as pessoas abrem-se à receptividade e ao diálogo.

Para construir uma situação dialógica no experimento (e romper "couraças"), a linguagem fotográfica era adequada: tirar fotografias é um processo criativo e uma ruptura se associa ao ato de fotografar, ampliando o sentido e a percepção, transformando o diálogo numa experiência vivida. A fotografia insere o fotógrafo no ato de fotografar, transformando-o em produtor que, no ato da expressão torna-se indis-

envolvendo 21 adolescentes que viviam em situação de risco e vulnerabilidade social, integrantes do "Programa Conquista Criança", instituição governamental de atendimento a crianças e adolescentes. As fotografias aqui apresentadas foram feitas pelos adolescentes, durante o experimento. Esclarecemos que nossa opção aqui não será a de explicar ou analisar as fotos selecionadas para o artigo, mas deixar por conta do leitor estabelecer as relações e criar sentidos interpretativos entre o texto e as referidas fotos.

sociável de suas circunstâncias e *adapta o meio a si mesmo*, através do que Ortega y Gasset (1963, p. 13) chama de *ato técnico*[7].

> [...] o homem, pelo visto, não é sua circunstância, já que está somente submerso nela e pode em alguns momentos sair dela e pôr-se em si, recolher-se, ensimesmar-se, e só consegue ocupar-se em coisas que não são direta e imediatamente atender aos imperativos ou necessidades de sua circunstância.

Os adolescentes convidados para a pesquisa experimental integravam o "Programa Conquista Criança", ação municipal voltada a crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Com histórias de vida diferenciadas, enfrentaram violências e situações de risco, como morar nas ruas, trabalhar em pedreiras, areais ou lixões, mendigar, conviver com a prostituição e o uso de drogas. Constantemente o espaço urbano tornou-se referência de sociabilidade, ao invés da família e da escola.

Quando se analisam as necessidades de pessoas em carência e miséria, sem condições dignas de existência, é comum atribuir-lhes necessidades meramente associadas à sobrevivência (alimentação e abrigo), deixando, equivocadamente, de fora o que é supérfluo à manutenção da vida, mas que se configura como fundamental ao homem. Para Ortega y Gasset (1963, p. 21), "O homem não tem empenho algum por estar no mundo. No que tem empenho é em estar bem. [...] Portanto, para o homem somente é necessário o objetivamente supérfluo".

As necessidades envolvem bens culturais e simbólicos tanto quanto os econômicos e concretos. Há uma predominância da imagem na sociedade atual, que passa a disponibilizar um crescente aparato tecnológico de reprodução imagética, tornando crescente a atração pela representação visual. Entretanto, grande parte da população brasileira, excluída das "delícias do consumo" e das soluções tecnológicas, vive à margem deste patrimônio simbólico, sem contato com recursos que ampliam a virtualidade da comunicação e da experiência humana, sem garantir sequer o mínimo para sua reprodução: as desigualdades sociais têm construído ilhas de sociabilidade em que uns consomem tecnologia

[7] Ortega y Gasset (1963, p.17-18) afirma que: "A técnica é o contrário da adaptação do sujeito ao meio, posto que é a adaptação do meio ao sujeito [...]. Um homem sem técnica, isto é, sem reação contra o meio, não é um homem".

e conforto de forma desenfreada, enquanto outros não têm acesso ao básico.

O experimento fotográfico desenvolvido proporcionou novas experiências aos adolescentes-fotógrafos, ampliando suas perspectivas sobre a cidade e suas vidas. A fotografia possibilitou outra forma de comunicação a esses adolescentes, num código visual que transformava e ampliava as noções sobre *o que vale a pena olhar*: tirar fotografias é um *acontecimento*, com direitos de *interferir*, *invadir* ou *ignorar* tudo que estiver ocorrendo ao redor (SONTAG, 1981). Ainda que a câmara efetivamente capte a realidade, a fotografia constitui uma interpretação do mundo, da mesma maneira que a pintura, o desenho ou as palavras[8].

Como imagens à deriva, as fotos produzidas nesta pesquisa constroem mapas simbólicos e sentidos flutuantes sobre o sítio urbano, sendo expressões individuais de forte teor dialógico. Na pesquisa foram criadas condições para que os adolescentes fotografassem suas vidas e sua cidade: em oficinas fotográficas[9] conheceram elementos básicos sobre esta linguagem, aprenderam noções fundamentais e como usar a câmera (segurar, enquadrar, disparar, observar a luz...); posteriormente, cada menino-fotógrafo recebeu uma câmera, um filme de 36 exposições, dinheiro para transporte e lanche e, por quatro dias puderam escolher livremente o que fotografar, perambulando como quisessem pela cidade, criando trajetórias individuais e registrando o que desejassem.

Para Certeau (1996, p. 176), caminhar pela cidade é apreender subjetivamente o espaço urbano: "os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares". A escolha do itinerário, a seleção de caminhos, o livre vaguear são construções individuais que criam sentidos utilizando uma "língua" espacial. O deslocamento do caminhante (apesar de não ter nenhum receptáculo físico, sendo uma espécie de desenho virtual inventado por cada um sobre os lugares da cidade), ao eleger um deter-

[8] Para Sontag (1981), a fotografia não é um olhar inocente e o aparato tecnológico nunca assegura suposta objetividade, isenção ou neutralidade: embora se preocupe a fundo em espelhar a realidade, o fotógrafo se vê perseguido por tácitas imposições de gosto e consciência, e a própria aparente passividade do registro fotográfico é, em essência, a "mensagem" da fotografia, o "seu conteúdo de agressividade".

[9] As oficinas foram ministradas por Orlando J. R. de Oliveira, arquiteto, fotógrafo e professor de Antropologia da UESB. Durante as oficinas os próprios adolescentes optaram pelo uso de filmes em preto-e-branco ao invés de coloridos, após o contato com livros e fotografias clássicas. Foram utilizadas, no experimento, câmeras fotográficas Pentax de foco fixo e disparador automático.

minado percurso - e não outro que esteja paradigmaticamente disponível - constrói um sistema que presentifica a cidade, trazendo-a para o plano do aqui e do agora, estabelecendo instâncias definidoras das falas em primeira pessoa. Caminhando pela cidade, cada eu constrói um discurso "espacial" subjetivo em espaço e tempo[10].

Com câmeras nas mãos, os adolescentes-fotógrafos escolheram percursos, lugares e paisagens, redescobriram a cidade, transitaram livremente por ela, produzindo imagens que resultaram num *texto visual* sobre o ambiente urbano e suas relações sócio-culturais, desenhando uma *fisionomia* da cidade, numa recriação testemunhal que possibilita fluxos de sentido intersubjetivos e percepções cambiantes.

As representações sobre a cidade são elementos importantes de construção imagética, seja para as pessoas que nela vivem, seja para os seus visitantes. Narrativas sobre o lugar, histórias ouvidas, descrições lidas, fatos e acontecimentos a ele vinculados ou expressões artísticas dialogam com a realidade e o contexto local, incorporando tanto as mutações do sítio urbano quanto o fluxo dinâmico de identidades, subjetividades e sociabilidades que se constroem na sua produção histórica concreta.

A diversidade da percepção liga-se às diferentes associações possíveis nos indivíduos e nos grupos, referindo-se também aos processos constantes de mudança que atuam sobre a cidade (mais evidentes numa escala temporal maior), bem como às circunstâncias diferentes - pessoais e contextuais - em que os indivíduos constroem experiências e memórias sobre a cidade, suas ruas e praças, seu clima, seu cheiro, as calçadas por onde caminhar, monumentos e marcos de referência, o barulho de cada logradouro... Kevin Lynch (1999, p. VII), discutindo a fisionomia das cidades, compreende que a cidade também é uma construção mnemônica, "algo a ser visto e lembrado, um conjunto de elementos do qual esperamos que nos dê prazer".

Na produção de lembranças sobre a cidade cada sujeito aciona diferentes traços, símbolos, caracteres, peculiaridades, narrativas, visões críticas, trajetos, roteiros, mapas virtuais de localização espacial... Tentar estabelecer representações intersubjetivas sobre a cidade torna preciso considerar a identidade e a história de vida de quem representa. Buscar

[10] "O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos" (CERTEAU, 1996, p. 177).

sínteses sobre a cidade representada é ouvir vozes e discursos diversos, considerando a polifonia do sítio urbano.

Imagem 1
Amigos em ônibus do Programa Conquista Criança,
Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

DA CIDADE E DE SUAS REFERÊNCIAS SOCIAIS E SIMBÓLICAS

A cidade baiana de *Vitória da Conquista* (localizada no sudeste da Bahia) sintetiza no nome o processo de colonização das Américas, referindo-se à ***vitória*** de colonizadores portugueses sobre os indígenas que viviam na região, *conquistados* e exterminados após sucessivos e sangrentos embates. Apesar de silenciados na história, os indígenas permanecem nos interstícios do topônimo: pode se ler, nos "não-ditos", a ***derrota*** dos ***conquistados***. O duplo caráter da violência colonizadora revela-se neste jogo simbólico: para os colonizadores europeus, a vanglória do nome, e para os índios *mongoyós*, *aymorés* e *pataxós*, o silêncio e a dominação. Sobre esta base violenta se constituiu o município, e sua formação histórica atesta também a crueldade e a voracidade da colonização brasileira.

Localizada em um planalto e cercada pela Serra do Periperi, a cidade já foi descrita por suas matas e florestas, paisagem esta que

sucumbiu junto com os índios, na *vitória da conquista*: a luta do *gado* contra o *índio*, presente na gênese do município, transformou as matas em monótonas pastagens. Atualmente restou uma reserva de 15 hectares no centro da cidade, o Poço Escuro, onde estão pequenas nascentes com filetes de água que, mesmo estando hoje contaminadas, são raridades para a contemplação, pois a cidade está numa região de seca onde *água* é espetáculo incomum. Apesar de tais nascentes terem viabilizado o surgimento da povoação, o rio que corria no lugar foi devorado e hoje está subterrâneo e confundido com esgoto, possibilitando paralelos entre o caráter violento da ocupação primordial da terra e a relação estabelecida com o rio, engolido pela cidade.

Com localização estratégica, a cidade desempenhou papel importante de ligação entre litoral e interior, sendo tradicional ponto de paragem para viajantes e forasteiros. No século XIX, o então "Arraial da Conquista" foi descrito pelo príncipe Maximiliano von Wied-Neuewied como local agressivo e perigoso, onde se concentram homens *belicosos*, *grosseiros* e *violentos*, com punhais na cintura e em busca de confusão (MAXIMILIANO, 1989, p. 409).

A fama de lugar violento passou a representação recorrente e permanente da cidade. Posteriormente, o imaginário local incorporou elementos míticos associados ao autoritarismo político e ao coronelismo típicos do nordeste brasileiro, povoando-se de personagens lendárias em histórias sangrentas de brigas de famílias e disputas pela terra, expressões que encontraram na obra do cineasta Glauber Rocha (que nasceu e viveu na cidade até adolescente) a expressão mais sintética e elaborada, a tradução mais fiel dos embates que caracterizaram o processo de ocupação do território. Histórias de coronéis, vaqueiros e pistoleiros povoam até hoje o imaginário regional.

Para a cidade convergem muitas estradas[11], sendo um entroncamento rodoviário que interliga vários pontos do país, meio do caminho entre nordeste e sul, litoral e centro, atraindo forasteiros, migrantes e miseráveis de várias origens, alguns em extrema vulnerabilidade, perambulantes, espécie moderna de nomadismo que se associa à crescente exclusão social[12].

[11] Como, por exemplo, a BR 116, a BR 415, a BA 262 e a BA 265, dentre outras.
[12] Para Bursztyn (2000, p. 255), "Hoje, temos um crescente contingente de migrantes que são 'perambulantes', vira-mundos: circulam pelo país, sem rumo e sem futuro, per-

Por outro lado, o problema da migração rural muito tem se acentuado. Práticas agro-pecuárias históricas, vinculadas à monocultura e ao latifúndio, associadas às dificuldades da vida rural (faltam infra-estrutura, escolas, atendimento médico etc.) inviabilizaram a permanência da população no campo, resultando na chegada constante de famílias que saem do campo para a periferia urbana, buscando vida melhor e enfrentando graves problemas. A população expulsa do campo não encontra emprego ou infra-estrutura urbana básica, sequer se integra verdadeiramente à vida urbana, o que aumenta a exclusão social, a segregação e a pobreza.

Com o agravamento do quadro das desigualdades sociais e o aumento do desemprego e da miséria, a estratégia de sobrevivência familiar incorpora crescentemente o trabalho de crianças e adolescentes, gerando a exposição a situações de risco e vulnerabilidade. Ao ingresso precoce no trabalho vinculam-se abandono escolar, exploração, descumprimento de leis trabalhistas, pouca qualificação, condenação a uma posição subalterna, exclusão social, ausência de perspectivas melhores, tornando-se processo de reprodução da miséria e ciclo de agravamento das desigualdades sociais.

No Brasil, caso não houvesse a imposição da hegemonia colonizadora patriarcal européia, talvez a responsabilidade coletiva abarcasse todos os *curumins*[13] e as crianças fossem tratadas como patrimônio maior do grupo, como ainda ocorre entre os povos indígenas brasileiros. Infelizmente, o tratamento igualitário às crianças brasileiras passou a mera utopia e o que há é um crescente contingente de meninos e meninas vivendo em privação e grave vulnerabilidade, sem vínculos familiares ou proteção social, sobrevivendo duramente nas ruas das cidades, desamparados e sós.

manecendo apenas durante o período em que conseguem alimentação. Migram de um lugar a outro, não mais em busca de uma nova vida [...]. Agora, mais do que qualquer atrativo, o que motiva a perambulação é a próxima refeição".

[13] "Curumim" é um termo tupi-guarani com que os índios se referem às crianças da tribo.

DAS FOTOGRAFIAS E DA REPRESENTAÇÃO DA CIDADE

Considerando o conjunto das fotografias, as pessoas humanas foram o tema mais recorrente, demonstrando a centralidade do lugar que as relações interpessoais e sociais ocupam no universo simbólico dos adolescentes. A vida em família ocupou, em termos numéricos, atenção semelhante à que foi dispensada ao Programa Conquista Criança, o que poderia ser interpretado como evidência da importância deste programa em suas vidas.

Em seguida, aparecem, como parte de um conjunto maior, temas relativos à cidade e a seus problemas: vistas panorâmicas, ruas, praças, caminhos, igrejas, lojas, comércio, lixo urbano, placas, monumentos, árvores, jardins, evidências da perambulação dos fotógrafos e do interesse e identificação pelo ambiente, e a expressão de sua situação dentro dele realmente aconteceu durante o experimento, aproximando-se da afirmação de Lynch (1999, p. 5):

> Um cenário vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social. Pode fornecer a matéria-prima para os símbolos e as reminiscências coletivas da comunicação de grupo.

O conceito de imaginabilidade[14] estabelecido por Lynch é interessante para compreender o corpus relativo à cidade, aplicado a algumas imagens recorrentes que contêm um grande teor de identificação da cidade para os seus moradores. A vista panorâmica da cidade (cercada por uma serra) é recorrente nas fotografias e é de grande importância imagética na representação do município. O olhar genial do cineasta Glauber Rocha construiu para o lugar a imagem metafórica de *cratera de vulcão*[15], que serve aqui também como descritora do cenário geral.

[14] Imaginabilidade: "a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis ao ambiente" (LYNCH, 1999, p.11).

[15] Apesar do fato de compreendermos que a metáfora utilizada (*cratera de um vulcão*) associa à cidade uma carga semântica mais ligada à possibilidade de *entrar em erupção* do que propriamente à capacidade descritiva da imagem metafórica, a citação da metáfora utilizando seu teor de descrição física é pertinente, dado à aparência que o sítio urbano tem de estar situado em um "buraco" cercado de serra, semelhante a uma cratera.

Imagem 2
Panorama da cidade de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Aproximando o olhar dos fragmentos da cidade revelados pelas fotos, a água se destaca, tanto pela recorrência com que aparece quanto pelo significado especial deste elemento na aridez do sertão, e pela importância que a água representa para o mundo e para a vida. A contemplação da água pode significar diálogo com as origens, busca de identidade, revestindo-se também da simbologia de fonte de vida, meio de purificação, fluidez, renascimento, vida... Sem rios aparentes (o único existente, agora subterrâneo, se confundiu com esgoto), a cidade dispõe de raros locais em que se pode contemplar água: um espelho d'água no jardim e filetes de nascentes numa pequena reserva natural, todos fotografados recorrentemente, alguns, inclusive, surpreendentemente fotografados de maneira quase igual (ângulo, enquadramento, luz) por fotógrafos distintos em dias separados.

Imagem 3
Espelho d'água da Praça Tancredo Neves,
centro de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Para Lynch (1999, p. 3), "estruturar e identificar o ambiente é uma capacidade vital entre todos os animais que se locomovem". A recorrência de lugares, de temas e de formas de fotografar demonstrou a força das representações intersubjetivas e comunitárias, o que Lynch chama de "um consenso substancial entre membros do mesmo grupo" sobre a imagem da cidade, dado que remete ao processo de construção de representações coletivas elevando-as à categoria de imagens públicas, compreendidas como:

> [...] as imagens mentais comuns a vastos contingentes de habitantes de uma cidade: áreas consensuais que se pode esperar surjam da interação de uma única realidade física, de uma cultura comum e de uma natureza fisiológica básica. (LYNCH, 1999, p. 8).

Aparecem, assim, em muitas fotos de diferentes adolescentes, lugares como a Praça Tancredo Neves, núcleo original da cidade (em detalhes ou em planos gerais), os monumentos, o cemitério municipal, a igreja matriz, a feira, o comércio etc.

Imagem 4
Vista Parcial da Catedral, Praça Tancredo Neves,
centro de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Imagem 5
Monumento aos perseguidos pela ditadura, Praça Tancredo Neves,
centro de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Imagem 6
Ponte sobre água corrente, Praça Tancredo Neves, centro de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Imagem 7
Cemitério da Saudade, Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Imagem 8
Escadaria-acesso à Mata do Poço Escuro, entre os bairros Cruzeiro e Guarani, Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

A natureza no ambiente urbano é destacada nas fotografias por meio das imagens de árvores, bromélias, plantas, jardins, musgos, flores e animais; essas aparecem com constância, impregnados de valor e importância. A Reserva Natural do Poço Escuro está presente nas fotos e a preocupação ambiental aparece também nos comentários posteriores. Segundo Guran (1998, p. 92), "fotografar é atribuir - ou reconhecer - valor a um determinado aspecto de uma cena".

Imagem 9
Mata do Poço Escuro , Vitória da Conquista, Ba.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Imagem 10
Animais domesticados na Mata do Escuro,
Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Imagem 11
Amigas na Mata do Poço Escuro,
Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Apesar de muitos adolescentes terem vivências anteriores na zona rural, o campo mal aparece nas fotografias, com pouquíssimos registros, o que tanto pode ser conseqüência natural da inserção cotidiana na cidade quanto pode associar-se à desvalorização simbólica da vida rural e à valorização cultural da vida na cidade e do patrimônio simbólico urbano, explicando tal *silêncio fotográfico* (cidade como ícone de modernidade e campo como símbolo de atraso). Especialmente na adolescência a busca de pertencimento sugere a valorização de elementos e padrões culturais socialmente prestigiados e a negação dos modelos desvalorizados. Algumas tecnologias tradicionais apareceram nas fotos, destacando-se a de fabricação de blocos de adobe, importante elemento na construção de casas pela população mais pobre.

Imagem 12
Tijolos de barro amassado (adobe) secando ao sol,
periferia de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Imagem 13
Amassando o barro para fazer adobes,
periferia de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Quando foram cruzadas as experiências anteriores dos adolescentes com os temas de suas fotos, percebeu-se que os que tinham histórico de permanência maior nas ruas da cidade, como moradores de rua ou nela trabalhando, destacaram mais, em suas fotografias, os espaços públicos e institucionais, enquanto aqueles com vínculos familiares mais fortes privilegiaram os espaços privados.

Com exceção do centro da cidade e dos lugares com grande força representativa, as fotografias sobre a cidade voltam-se para a periferia, onde vivem os fotógrafos, para suas paisagens circundantes mais imediatas, indicando que imprimiram, sobre a cidade representada, um forte caráter de subjetividade e identidade. Ruas e casas da periferia, ora a casa em que se mora, ora a casa desejada, a casa, continuamente reconstruída, abrigando famílias extensas, povoadas de parentes.

Imagem 14
Irmãos pequenos na porta de casa,
periferia de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Imagem 15
Irmãos pequenos no interior de casa, periferia de
Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Imagem 16
Mãe varrendo o quintal, periferia de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

O que aparece recorrentemente são os limites da cidade, as bordas do perímetro urbano, os bairros periféricos e seus problemas de saneamento, falta de água, ausência de esgoto, condições precárias de vida e salubridade, testemunhando a condição de vida de muitos brasileiros que vivem em pobreza e exclusão. Segundo Bezerra e Fernandes (2000, p. 69), mais de 16 milhões de brasileiros não têm casa e apenas 67% da população brasileira têm acesso ao tratamento da água, sendo que população não atendida ou atendida precariamente localiza-se basicamente nas áreas periféricas e faveladas das cidades.

Imagem 17
Condições precárias de habitação na periferia de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Imagem 18
Condições precárias de habitação na periferia de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

O caráter violento da cidade, apesar de não haver aparecido de forma destacada nas fotografias, transparece deslocado de identidade atávica, sem estar relacionado a essa cidade, diluindo-se ao tornar-se genérico. Nas fotos dos adolescentes é o espaço urbano em si que surge como local perigoso, em imagens que registram sua brutalidade cotidiana: exclusão social, mendicância, atropelamento, morte, violências que poderiam acontecer em qualquer cidade[16].

Imagem 19
Crianças no centro de Vitória da Conquista, BA.



"Aqui foi lá na feira. Esses meninos estavam por lá pedindo, onde ficam as barracas que armam e desarmam, do povo da roça. Eles estavam lá, sozinhos, pedindo. E são pequenos. Aí a gente parou os dois e bateu essa foto. A gente achou que era importante mostrar como as pessoas sobrevivem, e de quê" (depoimento de um fotógrafo).

Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Em várias fotos aparece a feira da cidade, espaço de convergência de migrantes, mendigos, pedintes, pessoas que vivem nas ruas, excluídos, que encontram, no lugar, possibilidades de conseguir dinheiro ou alimento. Em detrimento da variedade, exuberância ou beleza dos alimentos e produtos, os fotógrafos focaram suas câmeras nas pessoas excluídas do processo produtivo, em risco pessoal e social.

[16] Para Bueno (2000, p. 89), "é recorrente a reação ao mundo urbano como violência, ruptura de raízes, alienação, impessoalidade, empobrecimento da experiência e dos vínculos culturais, afetivos e familiares".

Imagem 20
Pedintes nas ruas do Centro de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

Em algumas fotos, circunstâncias especiais envolvem a maneira como foram representadas atividades ordinárias do cotidiano, criando destaques significativos, com imagens que combinam elementos estéticos próprios da linguagem fotográfica. Se a magia da linguagem envolveu a todos, alguns adolescentes revelaram aguçada sensibilidade e talento no labor com a câmera, com intuição especial. Sem experiências anteriores com a fotografia, demonstraram ter percepção acurada das possibilidades expressivas dessa linguagem, compondo ensaios e seqüências sobre alguns temas específicos, impregnando-os de sentido estético e elementos visuais, como linhas, cores, texturas...

Imagem 21
Ensaio sobre a irmãzinha, periferia de Vitória da Conquista, BA.



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

A utilização da linguagem fotográfica proporcionou, assim, caminhos para o diálogo, a imaginação e o encontro, com inserção na cidade e nas comunidades interpretativas[17] envolvidas, atestando também que as fontes simbólicas são fundamentais para a vida humana.

CONCLUSÃO: IMAGENS À DERIVA, CIDADES FLUTUANTES

Muitas são as dimensões simbólicas envolvidas na percepção do ambiente urbano e na construção de imagens significativas e referenciais sobre a cidade. Metaforicamente, a cidade pode ser vista como um grande organismo em mutação, continuamente em processo. Diversos significados podem ser mobilizados e incorporados a cada momento e por cada sujeito ou comunidades interpretativas, uma espécie de repertório virtual de símbolos, signos e representações paradigmaticamente sobrepostos, disponível e acionável a depender do contexto da produção de sentido ou do que se pretende estabelecer com ela.

[17] FISH (1993, p.156) afirma que "os significados não são propriedades nem de textos fixos e estáveis nem de leitores livres e independentes, mas de comunidades interpretativas que são responsáveis tanto pela forma das atividades do leitor quanto pelos textos que estas atividades produzem".

Operam, neste trânsito intenso de imagens cambiantes sobre a *cidade flutuante*, representações hegemônicas com nuances ideológicas; memória das experiências concretas vividas sobre o sítio urbano; construções mnemônicas comunitárias ou individuais dos lugares e suas histórias; veiculações da mídia; sentidos atribuídos à região mais ampla em que a cidade se insere; pertencimentos étnicos, culturais e históricos; marcos e logradouros que funcionam como referência e símbolo; representações artísticas emanadas de obras literárias, músicas, produções cinematográficas, quadros ou fotografias sobre o lugar...

Para um morador antigo ou um habitante idoso, as ruas, praças e cenários da cidade não estão limitados às configurações contemporâneas. Pelo contrário, há uma sobreposição de antigas imagens daquelas ruas, praças ou cenários, fazendo convergir, no presente, as lembranças de como aqueles logradouros foram. À cidade do presente somam-se as cidades do passado, memórias e miasmas de cenários perdidos no tempo e na história assombrando olhos que contemplaram tempos distintos.

Na outra ponta encontram-se as crianças e adolescentes, com olhares primitivamente presentificados, a inaugurar continuamente o mundo que vêem e os cenários que percebem. São observadores ímpares da cidade e suas percepções são qualitativamente diferenciadas, pois se atêm, a princípio, a elementos da vida presente em seu fluxo coetâneo, sem tantas interferências da memória, substituída, talvez, pela fantasia.

Aqui, vozes de meninos e meninas foram chamadas à cena do debate acadêmico, propondo práticas científicas que dialogam com a expressão humana que emana de uma comunidade. Para o poeta Maiakovski, só podemos ser universais ao falarmos da *nossa própria aldeia*. Não se pretendeu construir modelos nem concluir verdades apertadas pelas palavras, apenas a exposição de idéias que comecem com um sim.

> Propomos que se considere a imaginação como um poder maior da natureza humana. Certamente não adiante nada dizer que a imaginação é a faculdade de produzir imagens. Mas essa tautologia tem ao menos o interesse de deter as assimilações das imagens. A imaginação, em suas ações vivas, nos desliga ao mesmo tempo do passado e da realidade. Aponta para o futuro. (BACHELARD, s/d, p. 17).

Imagem 22
Adolescentes brincando de "espelho", Programa Conquista Criança



Fonte: Adolescente do Programa Conquista Criança – 2000/2001

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, s/d.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 1980.

BARTHOLO JR., R. dos S. **A dor de Fausto**. Rio de Janeiro: Devan, 1992.

_____. **Os labirintos do silêncio**: cosmovisão e tecnologia na modernidade. Rio de Janeiro: Marco Zero / COPPE- UFRJ, 1986.

BENJAMIM, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade Técnica. Trad. Dora Rocha. In: VELHO, Gilberto (Org. e Introdução). **Sociologia da Arte, IV**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

BEZERRA, M. do C.; FERNANDES, R. C. (Coord.). **Redução das desigualdades sociais**: subsídios à elaboração da Agenda 21 Brasileira. Brasília: MMA; IBAMA; Consórcio Parceria 21, 2000.

BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practicle**. Cambridge: [s.n.], 1977.

BUENO, A. Sinais da cidade: poses da modernização. In: LIMA, R.; FERNANDES, C. F. (Orgs.). **O imaginário da cidade**. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BUBER, M. **Eu e tu**. 2. ed. São Paulo: Moraes, s/d.

_____. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BURSZTYN, M. (Org.). **No meio da rua**: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FISH, S. Como reconhecer um poema ao vê-lo. **Palavra**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 156-165, semestral, 1993.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GURAN, M. A "fotografia eficiente" e as Ciências Sociais. In: ARCHUTTI, L. E. R. **Ensaios sobre o fotográfico**. Porto Alegre: Unidade, 1998.

ISER, W. **O ato da leitura**. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: 34, 1996. v. 1.

LYNCH, K**. A imagem da cidade**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuewied. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1989. (Coleção Reconquista do Brasil. 2 série: v. 156).

OLIVEIRA, M. F. S. de; OLIVEIRA, O. J. R. de. **De olho na mata**: fotografia, educação ambiental e sustentabilidade. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2003.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação da técnica**: vicissitudes das ciências, cacofonia na física. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1963.

SONTAG, S. **Ensaios sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.